

Maria Julia Pascali*

Inícios, Despertares e Criações
da Beleza Feroz

Beginnings, Awakenings and Creations
of Ferocious Beauty

RESUMO

Transcrição de testemunho de Maria Julia Pascali para Márcio Aurelio de Almeida, em 2014, destacando trechos da obra *O Segredo do Xamã: Os Ensinamentos Perdidos dos Antigos Maias*, de Douglas Gillette.

Palavras-chave: Corpo, Criatividade, Teatro, Xamanismo.

ABSTRACT

Transcript of testimony from Maria Julia Pascali to Márcio Aurelio de Almeida in 2014, highlighting excerpts from the work *The Secret of the Shaman: The Lost Teachings of the Ancient Mayas*, by Douglas Gillette.

Keywords: Body, Creativity, Theater, Shamanism.

Ato Inicial

Consegui ter uma visão interessante das coisas que eu tenho que apresentar. Quando fui à França, estudar um mês e uma semana, no Pantheatre, Performance Vocal e Teatro Coreográfico, eu me recreei! Saí daqui muito doente, cheia de dores, sabendo que não era da minha natureza aquilo. Era por ausência de exercer a minha natureza que eu estava ficando doente. Então, eu fui para um workshop intenso, de cinco semanas. Os trabalhos iam das 09h30min às 16h30min. No primeiro dia, pensei: “Vou morrer de dor, eu não vou aguentar!”, No segundo dia, eu falei: “Eu vou morrer de dor”. E... Não tive dor nenhuma! Só melhorei, só melhorei, só melhorei!!!

Trabalhei bastante a voz, o corpo, a criatividade, os limites. Eu estava diante dos professores, e, em especial, da Linda Wise, de voz. Achei que ia ser tudo maravilhoso e aí ... Encontrei os meus vícios! Tive que me desmanchar. Os vícios de professora! A boca, a língua, tudo estava se movendo de modo involuntário, junto com o exagero que a gente tende a fazer dando aula; ainda vem a idade ... Aí fui desmanchando tudo isso. E, em certo momento, não sabia cantar nada! Não sabia nada! Até que, no último dia, eu consegui cantar de uma maneira aceitável para todos, digamos assim.

Em outro momento do workshop estudava com o Enrique Pardo, diretor e professor de Teatro Coreográfico. Apesar de sentir pouca escuta e integração nos trabalhos, este jeito funcionou como um bom desafio para meu ser expressivo: onde eu poderia ir, o que

eu poderia fazer com aquela situação (que todo mundo, até ele, sabia que não era própria). Era de comunhão, de muito respeito. Ele sabia que eu o respeitava e ele me respeita também, ao ponto de ser convidada a dar uma pequena palestra para várias pessoas, no Pantheatre. Fiz uma entrevista com Linda Wise, que seria, a princípio, uma entrevista pessoal. Enrique queria assistir, pediu, então, que fosse pública. Percebi que de alguma maneira ele estava interessado em nosso universo, brasileiro. Fui percebendo que ele se referia à maneira que eu improvisava como xamanística. Em certo momento eu pedi para evitarmos esse clichê. É da minha natureza, eu vivo com e da natureza, eu vivi na Amazônia, moro em meio ao Cerrado. Tantas décadas de experiência e vivência. Os cânticos eu aprendi com as árvores, com os animais, com as comunidades, com as pessoas simples. Muitas metodologias e inspirações surgiram dos encontros com a vida e o saber indígenas, ribeirinho...

Ao terminar o workshop, pensei: o que faço com tudo isso? Antes do voo de volta ao Brasil, na fila de check-in, encontrei um mexicano e nós conversamos muito. A fila era enorme. Ele ia para o México. Falamos de histórias e tal ... Ele era historiador! Perguntei se ele queria ver meu livro. Dei o "*Índio Sabido Sim*" para ele. Em retribuição, ele me deu uma revista científica. Mergulhei na leitura durante todo o voo: era tudo sobre a pesquisa que faço há anos e estava adormecida, sobre os Maias, os Xamãs Maias!!!! Fiquei

arrepiadíssima! Fui para casa pegar tudo aquilo que eu já tinha vivido, na Guatemala e nas duas idas ao México.

Dancei nas pirâmides Maias. (cf. http://whc.unesco.org/?cid=31&l=en&id_site=64&gallery=1&maxrows=33). Fui pra lá procurando escutar essa mensagem ou ouvir essa comunicação que podia haver entre o meu ser expressivo e os espaços sagrados. Algumas memórias podiam estar passando por mim. Voltei aos meus livros e escritos, e selecionei duas coisas: o livro *“O Segredo do Xamã”*, de Douglas Gillette (totalmente rabiscado, marcado, lido, relido, escrito, escrito), com tradução de Claudia Martinelli Gama (Rio de Janeiro: Rocco, 2001) e alguns aprendizados pessoais.

Comentários sobre *“O Segredo do Xamã”*

A simbologia básica da origem pelos Maias é a seguinte: houveram três descidas, quer dizer, três quedas. A primeira queda, a do Primeiro Pai. Esse Primeiro Pai foi ingênuo. Ele não conseguiu vencer a morte porque acreditou só no bem. Dele surgiram dois filhos, dele com a Terra. Os Maias enterram os seres, em posição de útero, cobertos de vermelho, como se fosse o sangue, indo para o útero da mãe, da Primeira Mãe. Então, esse Primeiro Pai, morto, com a Primeira Mãe, geraram os gêmeos. Esses gêmeos foram ousados e conseguiram perceber que a vida é um maravilhamento terrível (terrível beleza, nas palavras de Gillette), que não existe só o bem. Eles foram capazes de continuar vivos após a morte. E a

terceira descida é a dos seres humanos, com os nossos sofrimentos, com tudo, ou seja, nós é que estamos sempre descendo ao que os Maias chamam de Mundo Inferior. Veja, eles sempre percebem a vida como o presente e a morte é o renascimento, a cada momento. Acho que seria até bom eu ler aqui uma introdução, do Douglas Gillette. É maravilhoso porque ele, através do estudo da cultura Maia, se transformou. Ele é apaixonado e eu me apaixonei pelo livro porque ele traduz muito do que eu faço e falo. Gillette abre o livro com uma oração inicial, uma prece contemporânea dos xamãs Maia-Quichés:

*“Fazei desaparecer a minha culpa.
Coração do Céu, Coração da Terra;
fazei-me um favor,
concedei-me força, concedei-me coragem
no meu coração, em minha mente,
já que sois a minha montanha e a minha planície;
que não haja falsidade nem mácula, e que essa recitação
surja clara como a aurora,
e que o crivo de antigos tempos
seja completo no meu coração,
em minha mente, e fazei desaparecer a minha culpa...
e, embora muitas almas dos mortos possam existir,
vós que falais com o Coração do Céu e da Terra,
que todos vós juntos, concedais força
à recitação que empreendi.”*

No rastro da civilização olmeca, os Maias, atualmente chamados de Quiché, codificaram as instruções para purificar sua vida eterna na arquitetura, nas pinturas, nas prescrições hieroglíficas e nos sepulcros. Há uma importante descoberta, de 1949, do arqueólogo Alberto Ruz Lhuillier, que recuperou o conhecimento secreto Maia escondido por mil anos de

(...) como a alma pode enfrentar o terror supremo, dançar à beira da morte, vencer as provações que a aguardam no sufocante negrume da sepultura, enganar essas forças que a desejam morta – definitiva e eternamente - e ressuscitar em um paraíso superior, muito além dos seus sonhos fantásticos.

Como se verificou, esse conhecimento sobre como superar nossa morte física também continha instruções de como levar uma vida plena aqui, como experimentar nossa própria ressurreição enquanto ainda nos movemos na terrível e prodigiosa sensualidade das coisas deste mundo. (p.25, 26)

Fui tomada por esta mesma procura. A mesma que envolveu o autor. Eu visitei este território duas vezes. Foi tão forte que precisei ir ao encontro desses lugares Maias, no México e na Guatemala. Visitei alguns templos e ruínas ao redor de Chiapas, Palenque e Tikal, onde está o Templo do Sol, no meio de uma mata inacreditável, amazonida. Para lá muita gente vai cedo ver o sol nascer, em determinado ponto dessas ruínas. Um lugar construído para que este fenômeno seja visto, apreciado. As pirâmides Maias estão ligadas aos acontecimentos cósmicos: são registros e revelações desses conhecimentos. A respiração do sol!

Em determinada época, num dia específico, que pode acontecer a cada 13 mil anos, o sol vai aparecer naquele ponto, exatamente onde foi feito um buraco na construção do templo. É muita coisa! E, ao mesmo tempo, se percebe que dá para viver com simplicidade dentro disso.

Douglas Gillette diz, ao final do livro, porque foi para Tulum (México) para escrever. Porque os Maias estavam sempre à beira do mar, com muita água, muita água. Eu fui em um poço azul, azul, azul, azul (Semuc Champey). A água era azul clara. Impressionante! No meio do continente. É um lugar na Guatemala. Eu cruzei do México para a Guatemala a pé. Tem uma passagem. Você pega um ônibus até o limite do México, cruza a pé, e na Guatemala você pega outro ônibus.

Tulum é uma espécie de reino encantado, construído, segundo os mitos maias, na fronteira entre este mundo e o próximo... onde termina o mundo criado e começa o infinito do oceano do Outro Mundo. Ali, a alma maia encontrava alívio em um domínio de luz eterna e dançava na superfície do infinito mar da origem e do destino.

(...)

Imerso na presença viva que impregna esse lugar mágico de luz do sol, e ondas fosforescentes, resolvo viver a minha vida apaixonadamente. Como se cada momento contivesse um significado infinitamente precioso. Como se cada dia fosse um ser divino, bradando sob o céu. Em diversos momentos, sinto-me destemido. Posso compreender o fato de que vou morrer, não importa o que eu faça, portanto não há nada que eu precise temer a respeito de procurar alcançar agora as coisas que desejo, as coisas que me dão prazer e satisfação criativa, as coisas

que fazem com que eu me sinta vivo, que trazem uma percepção da plenitude do ser.

A espiritualidade, a arte, as estruturas sociais Maias antigas, eram da natureza inteiramente xamânica. A reverência para com a arte sobreviveu, tanto à instrução como à instituição da realeza sagrada. Até hoje a arte Maia, embora muito mais limitada em suas expressões se comparadas ao período clássico, é ainda impressionante. Para os antigos Maias, como praticamente para todos os povos tradicionais, a criação da arte faz parte de uma estrutura mágica, total, onde as expressões culturais surgem de seres humanos inspirados que reorganizavam os campos de energia. A arte reorganiza os campos de energia! Então a arte sobreviveu tanto à instrução quanto à institucionalização da realeza sagrada por fazer parte de uma estrutura mágica total. (cf. <https://br.pinterest.com/pin/568649890419356172>)

No mundo Maia, as construções culturais, as cerâmicas pintadas, arquitetura, altares ou utensílios de cozinha, possuíam personalidade individual em consciência. Essas coisas, ritualmente, passavam a existir, como diziam os Maias. Passavam a existir e recebiam nomes especiais. Bem como a fazer parte da criação. Para eles o ser humano e tudo que existe é fruto da paixão divina. Nós somos a criação porque os deuses loucamente se apaixonavam. Nós somos fruto dessa criação. O universo todo está dentro de nós. Eles vêem como tudo que está fora está dentro da gente.

A cabeça humana, o crânio que canta, é o milho. Não há diferença, para eles, entre a sacralidade do milho e um crânio que canta. Ele é um rebento, ele sobe e faz surgir a árvore do mundo e a serpente da visão. O milho, como é um alimento primordial, um alimento sagrado, traz a simbologia de tudo. Na verdade, não é simbologia, para os maias, nem é para nós quando lemos. Não há diferença entre a cabeça e o milho. Um pé de milho é um corpo humano para eles.

Há toda uma simbologia para o corpo, mostrando que o corpo é uma expressão da alma. Então, por exemplo, diziam que a diarreia, os gases fétidos, é comparável ao demônio e ao roubo. Enquanto que o corpo é um milho - é feito de milho e sangue. O corpo era constituído de milho e sangue. "Com seus dois braços e duas pernas, os seres encarnavam as quatro direções cardeais. Os dedos das mãos e dos pés eram manifestações completas do tempo, as expressões físicas dos vinte dias dos meses maias." (p. 150) Cada mês maia tem vinte dias.

Os intestinos eram cordões umbilicais que levavam *itz* - a energia divina - a todas as partes do universo. O sangue humano era esse *itz* em sua forma mais pura e mais preciosa. Por isso, todos os sacrifícios Maias envolvem sangue, de auto-flagelação ou de pessoa decapitada. Há muitas imagens com cabeça decapitada, jorrando sangue.

Eles acreditavam que o corpo era uma manifestação da visão extática da criatura *Flor Alva*, a Primeira Criatura. Na moderna

cultura ocidental a maioria das pessoas aprende a acreditar que a alma, se ela existe, de algum modo, ela é um subproduto do corpo. Hoje, o corpo é mais importante para nós, na cultura ocidental. Os Maias acreditavam exatamente no oposto: eles acreditavam que o corpo era uma manifestação da visão extática da *Criatura Flor Alva*.

Uma vez que o corpo era uma expressão da alma, era na realidade a alma que transpunha os mundos. A gente está lidando com a alma. Por isso, entre os Maias, o sacrifício não tem a mesma conotação que tem para nós. Tudo está ligado à alma, ao ponto de vista. Observar o mundo é atribuição da alma. “A alma possui tanto um núcleo pessoal quanto um núcleo infinito, eterno ou transpessoal.” (p. 151)

O rosto – *uich* - é uma manifestação visível, digamos assim, esse aspecto de todo ser humano que é inigualável, marcado como o selo de nossa personalidade individual e experiências de vida. “Essa era a parte do corpo que se recusava a simplesmente se fundir com o divino, que insistia nos próprios feitos engenhosos e heroicos, e fazia com que os reis-xamãs reformulassem as narrativas dos deuses para os próprios propósitos. Era também uma parte de uma vida de crescimento e amadurecimento que conduziria a derrota dos Senhores da Morte do outro lado do túmulo.” (p. 151) Ao mesmo tempo que você se torna indivíduo, com um rosto, é ele, o rosto, que tem que criar a luta para transpor e fazer a alma continuar.

A árvore do mundo, para os Maias, é a sumaumeira. É uma árvore, a árvore mais alta que existe na Amazônia. A mata de Guatemala é a mesma mata da Amazônia. A mata do sul do México. Os animais de lá são os mesmos que tem aqui na Amazônia. A sumaumeira é a árvore sagrada para eles e aqui também.

Na Amazônia, aprendi a cantar debaixo da sumaumeira, todos os dias. Todos os dias eu ia para baixo da sumaumeira escutar, auscultar, contemplar, receber, rezar, agradecer.

Para os xamãs maias não importa quanto a nossa vida tenha sido ininteligível, ininteligente, insensata, pouco criativa, imatura, medrosa ou tímida. Uma parte nuclear de nós continua a viver. (p. 287)

Olha os ramos mais altos da árvore do mundo, que é a sumaumeira floresciam em almas, no eterno agora, além do núcleo do céu. E é pelo Portal Um que essas almas novatas caem na terra, para nascerem de mulheres mortais.

Eles dizem que as mulheres recebem esse núcleo do céu, dentro delas para gerarem os seres mortais, são deusas. São partes divinas. O fato dessa geração virar vida, já é uma recepção do núcleo do céu! É o Espírito Santo! É mesmo! O mesmo que se deu com a Virgem Maria! Incrível isso.

Significativamente, as serpentes da visão, com suas mandíbulas escancaradas, às vezes, representavam a abertura desse Portal de Renascimento. Vomitavam tanto os espíritos dos mortos antepassados, como o de bebês recém-nascidos. Então, estão no

mesmo lugar os bebês e os espíritos dos mortos. Cultuam o êxtase. Eles acreditam que nesse lugar, da dor e da alegria, onde há êxtase e morte, a vida é completa.

O universo fora sacrificado e criado três vezes. O fato é que ele evoluiu a cada vez e a cada nova criação; a alma humana tornou-se mais complexa, mais rica e mais própria de um Deus. Parece indicar um processo semelhante à reencarnação, pelo menos no nível coletivo, uma vez que a alma individual era invenção do universo e uma vez que o universo estava, em última análise, dentro da alma. O mito dos xamãs, de um Cosmo reciclado pode ter ocultado igualmente um ensinamento secreto acerca da reencarnação pessoal, numa situação em que nós podemos nos renovar, morrer e reencarnar aqui. Este é o segredo dos xamãs. Eles faziam isso!

Então, tudo o que fala no nome de pessoas está ligado a movimentos do céu. Eles foram os maiores observadores do céu. O calendário maia é considerado, até hoje, um dos mais precisos de todo planeta Terra. Com erros de segundos, apenas. O nosso calendário tem erro de anos, por causa de alterações arbitrárias. Os Maias são conhecedores profundos do nosso universo.

Segundo os xamãs Maias, como o universo está realmente dentro de nós, somos os seres que transpõem todas as dimensões da Terra, da realidade. A alma, em sua essência, é todas as coisas. A rota é dada pela vida.

O coração denominado olin – movimento - era o local das emoções fortes, inclusive da sensação extática de unicidade com o Ser Divino, enquanto a cabeça era a localização da visão, a faculdade vital, que os deuses criadores haviam tentado negar aos seres humanos, a fim de impedi-los de partilhar-lhes os poderes. (p.149)

Casco da tartaruga cósmica, casco da tartaruga Utero, grão de milho, cabeça. Tudo tem o mesmo significado. São os deuses brincando com a nossa seriedade. (cf. <https://br.pinterest.com/pin/451204456399847999/>)

Outra imagem de sangue, de descida e de renascimento é a versão universal do chamado útero- túmulo. No mitos dos antigos povos agrícolas, considera-se o mundo inferior, o útero da Terra. O corpo morto é colocado no túmulo, com frequência em posição fetal e pintado de vermelho, para simbolizar o sangue do útero com seu poder gerador de vida. Quando o tempo é chegado, a alma renasce do útero-túmulo e ressuscita como um espírito reiforme na vida eterna. (p.200)

Nós somos seres frutos da paixão criativa dos deuses. Então, misteriosamente a morte é em última análise um colaborador no objetivo da vida de criar um ser intensificado. Esse corpo está aqui para ser o motor de driblar essa imagem que é a morte.

Fico imaginando como seria o cotidiano dessas pessoas Maias, que vivem só pela alma, com essa referencia. Deve ser muito diferente de tudo aquilo que nós estamos acostumados. Não há diferença para eles entre os xamãs e os artistas. É a mesma coisa.

O xamanismo (...) era a força motriz por trás de todos os aspectos da antiga vida maia. Ele sempre exigia que o criador xamã sacrificasse a si mesmo ou a si mesma,

permitia que ele ou ela fosse atingido pelo terrível raio dos deuses, descesse ao Abismo e morresse no Buraco Negro em seu centro. A morte sob as muitas formas - emocional, espiritual e física - era o preço que todos os indivíduos criadores pagavam para se tornarem "Senhores da Vida".

(...)

Morrer e atingir a unicidade extática com os deuses criadores levavam os xamãs a criar o que acreditavam ser coisas divinamente autênticas. Criar coisas divinamente autênticas tornava uma pessoa um halach uinic - uma personalidade evoluída que exibia ser caráter desenvolvido. Segundo os maias, todos os seres humanos autênticos eram criadores-xamãs de uma forma ou de outra. Tornar-se um criador xamã exigia educar-se, desenvolver as próprias habilidades e os dons naturais e estar disposto a suportar as dolorosas privações e auto-sacrifícios que todos os projetos criadores requeriam. Para os maias, tornar-se um criador-xamã não era uma volúpia - não para aqueles que desejavam sobreviver à morte física. Em troca de seus sacrifícios, os criadores-xamãs formavam seus Corpos de Ressurreição e atingiam uma intensidade de Ser que lhes assegurava a vida eterna. (p. 171)

Estar aqui é estar aqui. Numa prece, invoco: "Que eu seja para aquilo para que fui criada." Eu fico emocionada por tomar consciência dessa outra maneira de se relacionar com o desejo. Quando o cotidiano é festejado com a celebração daquele dia. Um dia senti que o meu dia agora tem quarenta e oito horas horas. Eu só passo para o outro dia depois de 48 horas. Não é depois de vinte e quatro horas. A sensação do meu ciclo de mudança, se dava depois de quarenta e oito horas.

Hunab Ku

As pessoas admiram a chegada aos limites, a arte, aos limites do corpo humano, a resistência que alguns conseguem ter. Então, você comparar os seres normais que nós somos, sem preparo físico, e os artistas tem que se submeter a muitas coisas para aquele espetáculo acontecer daquela maneira. Ali deve existir um sentido de purificação coletiva da espécie humana, no campo da luminaridade, onde a gente precisa entrar para renascer. Neste lugar se esquecem as camadas sociais. Há alguém a se ofertar para isso tudo que nós não fazemos. Para Gillette os escribas e artistas eram os seres humanos mais autênticos, os que, na verdade, são os xamãs criadores. (cf. <http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2016/09/sementes-douradas-uma-historia-sobre-o.html>) Criadores Xamãs que vão querer se tornar Senhores da Vida.

Percebi algumas coisas que me ligam a este conhecimento que estão no livro: os ossos vegetais, a árvore do mundo que é a sumaumeira, que também é uma serpente, a Serpente da Visão, o lugar do sonho. (Minha rede é o meu lugar do sonho.) Há um paralelo dos hieróglifos maias com os meus próprios desenhos. Na verdade eles são inspirados nos ideogramas, mas eles vem justamente de um principio Maia, que é o criador do ritmo e do movimento Os desenhos que faço vem do impulso do ritmo e movimento, pelo gesto.

Para os Maias, o mundo surgiu no Hunab Ku, principio gerador do ritmo e do movimento. Concluimos com Gillette (p. 17)

(...)o universo e a própria vida eram uma apavorante forma de arte imaginada como ser, pela visão extática de um Deus. Quando, à imitação desse êxtase criador divino, os xamãs maias produziam as suas obras de arte, eles acreditavam que estavam participando da criação do cosmo, "dando à luz" e garantindo a vida eterna.

REFERÊNCIAS

GILLETE, Douglas. *O segredo do xamã: os ensinamentos perdidos dos antigos maias*. Trad. Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

***Maria Julia Pascali** é doutora em Artes pelo IA/UNICAMP (2008), possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1989) e mestrado em Letras: Lingüística e Teoria Literária, pela Universidade Federal do Pará (1994). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Preparação de Atores, Organicidade Vocal, Artes Integradas e Participativas, atuando principalmente nos seguintes temas: arte e cultura, arte e história, arte e natureza, arte e cura social, criação coletiva, interpretação, voz e música para atores e bailarinos, expressão em cena para cantores e músicos, antropologia teatral, teatro-dança, proposições e obras de natureza aberta, vídeos comunitários, performances, desenhos e fotos. Reúne expressões, linguagens, artistas, profissionais, comunidades e público em Percursos Interativos onde o diálogo cultural e a criação coletiva, sob a luz da Sincronicidade, manifestam-se em estado de presença e celebração.